



A Evolução do Agronegócio Brasileiro e sua Inserção no Mercado Internacional

Joice Cirqueira Santos, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Brasil¹
Leandro Batista Duarte, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Brasil²
Codjo Olivier Sossa, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Brasil³
Maria Orlandia de Melo Belmiro, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Brasil⁴

RESUMO

O agronegócio vem obtendo um bom desempenho repercutindo positivamente na economia nacional. Esses acontecimentos, devem-se ao aumento da comercialização internacional e à ampliação das exportações brasileiras. Observando essas modificações ao longo dos anos, o objetivo do trabalho é abordar e analisar o percurso que o agronegócio brasileiro desenvolveu ao longo do período 2010-2019 no que tange a sua inserção no comércio internacional, averiguando o saldo da balança comercial do agronegócio nacional. Propõe-se, assim, apresentar reflexões a partir de uma profunda pesquisa quali-quantitativa, para a realização de uma investigação aperfeiçoada sobre o tema. Entre os principais resultados, observou-se o desempenho do complexo da soja no acumulado, que foi o maior produto exportado entre 2010 e 2019, com 85,3% das exportações do agronegócio. Consequentemente, o mercado das carnes foi o segundo produto mais exportado da pauta do Agro. Com estes achados, é indispensável políticas públicas que elevem a competitividade do agronegócio e principalmente, um agronegócio com boas práticas socioambientais dentro dos princípios da Organização das Nações Unidas (ONU).

Palavras-chave: Economia Internacional; Agronegócio; Balança comercial.

1. INTRODUÇÃO

O agronegócio brasileiro tem desempenhado, nas últimas décadas papel central na expansão do comércio internacional, contribuindo para impulsionar as exportações do país, favorecer a balança comercial e, principalmente, consolidar o Brasil como um importante parceiro do mercado global (Hugueneu, 2017). É inegável que o agronegócio brasileiro tenha vivido anos dourados na primeira década dos anos 2000. Conseguindo expandir sua produção ao longo dos anos, com maior área plantada, bom desempenho de produtividade e renda

¹ joicecerqueirasantos@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-0246-8443>

² lbduarte@uefs.br, <https://orcid.org/0000-0002-4968-5368>

³ cosossa@uefs.br, <https://orcid.org/0000-0002-6732-251X>

⁴ nandabelmiro@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-3873-1031>

gerada pelas cadeias agroindustriais, o agronegócio se mostrou como o setor econômico brasileiro que mais êxito teve no esforço de se inserir nos fluxos internacionais de comércio (Rodrigues *et al.*, 2015).

Na última década, o agronegócio vem assumindo uma posição relevante no debate econômico e nas grandes pautas de discussão no Brasil. Não é de hoje que o Brasil está inserido no mercado internacional, uma vez que, ao longo da sua história alguns produtos agrícolas se destacaram, como por exemplo, o açúcar, o café e a borracha. Entretanto, o agronegócio é um setor vulnerável e passa por grandes desafios e transformações. No que tange o mercado internacional, o agronegócio brasileiro enfrenta embaraços, devido às peculiaridades no acesso a mercados.

Apesar das inovações tecnológicas da atividade industrial, o setor rural sempre foi um fortíssimo fator de desenvolvimento social e econômico no país. Na primeira década do século XXI o país se deparou com a crise financeira de 2008, e ao observar sua participação do setor no PIB do país, percebeu-se que no início da crise o setor correspondia a 22,6% do PIB brasileiro, reduzindo para 21,3% em 2009 e uma leve melhora para 21,5% a partir de 2010 (CEPEA, 2020).

Posteriormente, na segunda década, a economia brasileira se deparou com uma recessão econômica, considerando a recessão entre 2014 e 2016. Em 2014 o setor correspondeu a 18,6% do PIB, posteriormente passou a ser 20,0% em 2015, em 2016 correspondeu a 22,1% e em 2019 a 20,4% do PIB brasileiro. De acordo com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o PIB do país totalizou R\$7,45 trilhões em 2020, e o PIB do agronegócio chegou a quase R\$2 trilhões.

Quando se observa a balança comercial do agronegócio a partir dos dados AGROSTAT, nota-se que as exportações no ano de 2020 foram aproximadamente US\$ 100,7 bilhões e as importações US\$ 13,05 bilhões, apresentando um saldo positivo de 87,6 bilhões. Dessa forma, segundo a CNA as exportações alcançaram o segundo maior valor dos últimos 10 anos, além de que o Brasil em 2021 era o quarto maior exportador mundial de produtos agropecuários, aproximadamente 100,7 bilhões de dólares, atrás apenas da União Europeia, Estados Unidos e China.

O bom desenho do agronegócio brasileiro deve-se à comercialização internacional e ao aumento significativo das exportações brasileiras. As relações internacionais são essenciais para um país que busca produtividade e crescimento, dessa forma, dentro dessas relações há os acordos comerciais que abrem aos produtos brasileiros mercados importantes,

pois é por meio dos acordos que as empresas brasileiras podem competir internacionalmente sem barreiras.

De acordo com o Sistema de Comércio Exterior (SISCOMEX), o ministério da economia tem alguns objetivos primordiais para ampliar a isenção do Brasil no mercado internacional, para aumentar a produtividade e a competitividade, garantindo a sustentabilidade do crescimento econômico. E para abarcar esse objetivo segue três pilares: redução de barreiras não tarifárias ao comércio internacional, modernização da estrutura tarifária do Mercosul e ampliação da rede de acordos de livre comércio do país.

A partir desta contextualização, torna-se primordial analisar o percurso que o agronegócio brasileiro desenvolveu ao longo do período 2010-2019 no que tange a sua inserção no comércio internacional. O período escolhido oportuno foi devido ao saldo da balança comercial do agronegócio brasileiro, que apesar de apresentar queda em 2019, foi o segundo maior dos últimos 10 anos, sendo que o dólar alcançou o patamar mais alto do ano em novembro de 2019, cotado a R\$4,21 na parcial do mês. As variáveis-chaves escolhidas para auxiliar esta investigação são as exportações e geração de investimentos estrangeiros diretos para o país. Assim os desafios são analisados a fim de que todo potencial do agronegócio possa ser atingido em sua plenitude, observando suas limitações no seu percurso.

Além desta introdução, o estudo apresenta mais 4 seções: Na segunda seção, tem-se a revisão de literatura do artigo, apresentando sobre o comércio internacional e estudos do agronegócio brasileiro. Em seguida, apresenta a metodologia do estudo e os procedimentos utilizados. Na quarta seção, tem-se a análise do resultados e, por fim, as considerações finais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Nessa conjuntura, é de vital importância uma revisão de literatura para facilitar a compreensão do trabalho, possibilitando descrever e comparar os estudos realizados para capacitar uma avaliação criteriosa sobre o tema. No presente artigo, é primordial apresentar sobre a economia internacional, uma estrutura plausível para cooperação entre países, onde as economias mundiais vivem um sistema de interdependência entre as várias áreas, principalmente a comercial, permitindo facilitar as relações comerciais.

2.1 ECONOMIA INTERNACIONAL

A relação entre comércio internacional e crescimento econômico é foco de análise da teoria econômica desde o pensador econômico Adam Smith. O conceito utilizado corriqueiramente na economia por Adam Smith é o de vantagem absoluta, visto que para ele pode-se considerar que um país tem vantagem absoluta quando possui os menores custos de produção, ou seja, o menor número de horas de trabalho. Sendo assim, cada país deveria focar em se especializar na produção dos bens em que fosse mais eficiente. Assim, é fundamentada por Smith, em 1766, a da especialização, observando a comparação entre fornecedores ou produtores de uma determinada mercadoria. Portanto, como o mesmo afirma, como a capacidade de consumo dos países envolvidos no comércio internacional sempre será maior após a efetivação das trocas no comércio exterior, elevando o bem-estar da sociedade.

A Economia Internacional é responsável pelas relações econômicas entre os países e o conjunto de instituições, normas e acordos que regulam a atividade comercial e financeira entre eles. É notório o impacto da globalização na interação e interdependência entre as nações, e é necessário que haja premente perfeito funcionamento destas relações. Na economia a teoria neoclássica fornece uma explicação para o comércio internacional como a consequência racional das vantagens comparativas, onde o modelo mais conhecido é o “Ricardiano” de David Ricardo, seguindo pelo pensamento neoclássico com as observações de John Stuart Mill que adotou medidas mais restritivas para modelar os padrões dos comércios que resultam de várias fontes postuladas da vantagem comparativa.

Intrinsecamente o modelo mais conhecido é o de Eli Heckscher e Bertil Ohlin em 1970, garantindo o Prêmio Nobel de 1977. Este enfatiza a inter-relação entre dois fatores de produção em diferentes proporções em cada país e sua utilização na produção de bens diferentes, os países irão produzir bens que demandam os principais fatores em que são abundantes, ou seja, o país deve produzir aquilo que tem mais fatores abundantes para a produção. Esse modelo é conhecido como Teoria da Dotação de Fatores ou Teoria da Proporção dos Fatores. Em outras palavras, o modelo Heckscher- Ohlin, diz que cada nação exportará a *commodity* intensiva em seu fator abundante de produção e importará aquela que exigir a utilização do seu fator escasso a qual apresenta, conseqüentemente, maior custo de produção doméstico.

Os autores Krugman, Obstfeld, e Melitz acreditam que a única reflexão considerável na economia internacional é que existem ganhos com a negociações, ou seja, quando os países vendem mercadorias e serviços uns para os outros. No comércio global não é apenas levado em conta os bens tangíveis, além disso, é possível negociação de trabalho em troca de mercadorias e serviços e trocas internacionais de bens de risco, como títulos e ações, podem

beneficiar todos os países ao permitir que cada nação diversifique sua riqueza e reduza a variabilidade da sua renda (Krugman *et al.*, 2015, p. 3).

Nada obstante, houve mudanças significativas no comércio internacional, entretanto os princípios fundamentais, descobertos por economistas no alvorecer de uma economia global, ainda se mantêm. Como observa Krugman, Obstfeld, e Melitz:

Apesar dessas falhas, no entanto, a previsão básica do modelo ricardiano — que países deveriam tender a exportar aqueles bens em que sua produtividade é relativamente elevada — foi fortemente confirmada por vários estudos ao longo dos anos (Krugman *et al.*, 2015, p. 39).

Alguns estudiosos admitem que o modelo Ricardino seja uma situação ocasionada devido às consequências do comércio mundial. As diferenças na produtividade do trabalho, relação entre a quantidade de produtos ou serviços produzidos e o tempo e recursos necessários para produção, desempenham um papel importante na determinação do comércio mundial. A teoria das proporções dos fatores, ao contrário do modelo Ricardiano com um único fator de produção, possibilita espaço para a escolha no uso de insumos que dependem dos preços dos fatores, mão de obra e capital. Assim, o país irá exportar mercadorias cuja produção é intensiva no fator abundante, porém o modelo não leva em conta a equalização dos fatores-preços, quando os preços das mercadorias se igualam entre dois países, também são igualados os preços dos fatores de produção. Em razão de grandes desequilíbrios de recursos, barreiras ao comércio e diferenças internacionais em tecnologia.

O comércio exterior não precisa ser o desenredo da vantagem comparativa, ele pode resultar do aumento dos retornos ou das economias de escala, isto é, os custos de unidade serem menores com maiores produções. As economias de escalas de acordo com Krugman, Obstfeld, e Melit possibilita os países a negociarem mesmo na ausência de diferenças nos recursos ou tecnologia entre países, podendo ser economia de escala interna e externa, no primeiro caso depende do tamanho da empresa e, no segundo do tamanho da indústria. Todavia, há barreiras comerciais, isto é, leis, regulamentos, políticas, medidas ou práticas governamentais que imponham restrições ao comércio exterior. Em virtude disso, muitos economistas defendem o livre comércio como uma política desejável, e a negociação internacional é um dos meios plausíveis para reduzir as barreiras, assim obtém um comércio mais livre, dando aos exportadores uma participação direta, e evitar as guerras comerciais mutuamente desvantajosas, causada por políticas internacionalmente descoordenadas.

2.2 O COMÉRCIO INTERNACIONAL BRASILEIRO

O comércio exterior no Brasil surge com a abertura dos portos às nações amigas, desde então houve comercialização, todavia os fluxos comerciais se intensificaram depois da década de 90, por causa da abertura comercial com redução de tarifas de importação e reformulação dos incentivos às exportações. Consequente, foi criado o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e instituída a Organização Mundial do Comércio (OMC), organismo responsável pela regulamentação do comércio. O MERCOSUL foi composto inicialmente pela Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai ao qual recentemente incorporaram-se a Venezuela e a Bolívia, que está em processo de adesão. O objetivo principal foi propiciar um espaço comum que gerasse oportunidades comerciais e de investimentos mediante a integração competitiva das economias nacionais ao mercado internacional.

A OMC sob a chancela da Organização das Nações Unidas (ONU), e que substituiu o Acordo Geral sobre Comércio e Tarifas (GATT) na Rodada do Uruguai, em Montevideu, oportunamente assinados diversos acordos estabelecendo diretrizes e regras para o ordenamento do comércio mundial, a competição justa e um cenário menos distorcido por práticas de barreiras unilaterais. Dentre os Acordos, o Acordo Agrícola foi o primeiro de alcance multilateral especificamente dedicado ao setor produtivo rural e previu o comprometimento de cada país membro em promover reformas no comércio internacional de produtos agropecuários, por intermédio de negociações que ajudassem a corrigir as distorções criadas por subsídios e barreiras injustificadas (MAPA, 2020). Não permitidos dois tipos de acordos sob o GATT: uniões aduaneiras, os membros do acordo definiriam tarifas aduaneiras externas comuns; e as áreas de livre comércio, nas quais os membros não cobram tarifas aduaneiras entre seus produtos, mas definem suas próprias taxas de tarifa aduaneira contra o resto do mundo. Foram assinados diversos acordos, entre eles o Acordo Agrícola, com o objetivo de reformar o comércio de produtos agrícolas e tornar as políticas mais orientadas ao mercado. Criada para supervisionar e liberalizar o comércio internacional, a OMC tem intenção de expandir as relações comerciais entre países (MAPA, 2017).

Ao analisar os acordos feitos, percebe-se que o governo brasileiro considera o comércio exterior sendo uma das linhas condutoras do processo de modernização da economia brasileira, já que permite ao país importar mercadorias que não produzidas no país, além de garantir um diferencial competitivo para as empresas nacionais que comercializam produtos internacionais (SISCOMEX, 2022).

Ao falar sobre o comércio, recorre-se à balança comercial brasileira que é composta pelas importações e exportações com o resto do mundo de bens e serviços de um país em

determinado período. Quando o total de exportações de bens e serviços for superior ao total de importações, registra-se um *superavit* no saldo da balança comercial. Já quando o total de exportações de bens e serviços for inferior ao total de importações, registra-se um *déficit* no saldo da balança comercial. E sua diferença corresponde ao saldo comercial, um indicador econômico importante para as contas nacionais, considerando diferentes dimensões da inserção internacional da economia brasileira, o investimento estrangeiro direto, dívida externa e reservas internacionais.

2.3 ESTUDOS EMPÍRICOS SOBRE O COMÉRCIO INTERNACIONAL DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

Alguns estudos na literatura analisaram o agronegócio brasileiro, dentre os quais, pode-se citar autores que apresentaram não somente a evolução como também o desempenho do Brasil frente ao comércio internacional. Jank, Nassar e Tachinardi (2005) discutiram os fundamentos do sucesso do agronegócio brasileiro, bem como o quadro das principais rodadas de comércio nas quais o Brasil estava envolvido. Os autores concluíram que os resultados dessas rodadas podem trazer maior acesso a mercados e regras de comércio mais equilibradas para o país competir internacionalmente. Ressaltam também que, um dos gargalos fundamentais da competitividade brasileira é a deficiência em logística e infraestrutura, além de salientar outros riscos do sucesso do agronegócio, como a defesa sanitária, os problemas de visibilidade e as incertezas da biotecnologia.

Lourenço e De Lima (2009) mostraram como se deu a evolução do agronegócio brasileiro, identificando a sua situação no cenário mundial. Para isso, utilizaram-se de abordagens bibliográficas que demonstra a evolução histórica, passando pelo ponto onde houve um maior impulso até chegar a posição de destaque que é o de ser uma das maiores potências mundiais do Agronegócio. Os autores salientaram que apesar dos números positivos, o setor apresenta restrições e desafios que ameaçam sua permanência entre os maiores na atividade, entre os quais está o setor de logística e infraestrutura do país. Contudo as perspectivas do agronegócio são bastante promissoras, já que ele apresenta muitas vantagens do ponto de vista natural e econômico, podendo o país explorar melhor suas potencialidades.

Contini *et al.*, (2012) apresentou informações sobre as exportações do agronegócio e analisou seu desempenho e sua importância para a economia brasileira nas últimas décadas, para os principais produtos e principais mercados. Além disso, identificou as perspectivas de exportações desses produtos para os próximos anos, bem como propôs políticas governamentais

para ampliar as exportações brasileiras: negociação e promoção comercial e agregação de mais valor aos produtos exportados. Como resultado, tem-se que as taxas mais elevadas de crescimento do agronegócio brasileiro foram determinadas pela capacidade de vendas externas, constituindo-se as exportações em “motor” do agronegócio nos próximos anos.

Dos Santos (2016) analisou a inserção do agronegócio brasileiro no comércio internacional de produtos agrícolas, buscando verificar o posicionamento geral do país e também dos produtos exportados, considerando o período compreendido entre o triênio 1999-2001 e o triênio 2009-2011. A metodologia de análise foi o modelo apresentado por Fajnzylber (1991). Os resultados mostraram que o agronegócio brasileiro tem um posicionamento positivo, pois tanto a classificação global como também de parte significativa dos produtos de sua pauta de exportações se encontram em situação ótima.

Luís (2017) analisou o comércio internacional do agronegócio e seu crescimento. O estudo baseou-se em informações oriundas da Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SRIA/MAPA), além dos estudos realizados por vários autores no assunto. Para a realização da pesquisa buscou-se informações procedentes de literatura atualizada nas áreas do comércio internacional do agronegócio, pertinentes em meios científicos: artigos de revistas, dissertações, artigos em meio eletrônico e livros acadêmicos. Constatou-se então, que o Brasil vem aproveitando as oportunidades oferecidas pelo comércio mundial, pois passou de uma situação de vulnerabilidade no final da década de 90, para uma situação ótima no triênio 2009-2011. Conclui-se que é indiscutível a importância do agronegócio à economia brasileira e a posição que ele chegou ao cenário mundial atual.

Hugueney (2017) buscou tratar da expansão internacional do agronegócio brasileiro, sobretudo, no que concerne às interações com o mercado chinês. Na abordagem dessa relação bilateral, foi fundamental pensar sobre questões como o espaço que o agronegócio brasileiro ainda tem para ocupar na China e quais são as oportunidades existentes para os produtores brasileiros, considerando que, de um lado, os chineses têm como meta se tornarem autossuficientes em produtos alimentares básicos, porém, por outro, não possuem as condições materiais (terra, água, tecnologia e fatores climáticos) para isso. O autor concluiu que o agronegócio brasileiro tem aproveitado as oportunidades abertas por uma China em transformação, ao ocupar um papel fundamental no suprimento de recursos naturais e produtos do agronegócio, fato que lhe garante a liderança na produção e na exportação mundial em alguns dos mais importantes mercados agrícolas.

Analisando o comércio internacional do agronegócio na perspectiva do investimento estrangeiro direto, Margarido *et al.*, (2009) a partir dos seus estudos salientou que a principal forma de atuação das empresas brasileiras do agronegócio nos mercados internacionais se deu por meio de instalação de escritórios próprios voltados a comercialização no exterior, e estão fortemente localizados na Argentina, uma suposição da escolha da localização está relacionada às reduções tarifárias proporcionada pelo fato de Brasil e Argentina pertencerem ao Mercosul. Além disso, os autores afirmaram que o financiamento bancário, seja com recursos do setor financeiro público ou privado, ainda não perfazem a maioria dos tipos de financiamento necessário para mediar essa internacionalização.

Sossa e Duarte (2019) buscou analisar se o Brasil continua a apresentar vantagem comparativa e competitividade no comércio internacional do agronegócio no período de 2003 a 2013. Para isso foram analisadas as *commodities* negociadas na BM&F e as exportações aos Blocos Comerciais. Os dados foram calculados a partir dos diversos indicadores de comércio internacional do país, como os índices de Vantagem Comparativa Revelada (VCR), Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS), Vantagem Relativa na Exportação (VRE) e Competitividade Revelada (CR). Também com o intuito de analisar o padrão de especialização por meio da vantagem comparativa foram calculados o Indicador de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC), o Índice de Concentração por Produtos das Exportações (ICP) e a Taxa de Cobertura (TC). Nos resultados, observou-se que o Brasil possuía vantagem na exportação de praticamente todas as *commodities* analisadas.

Christ *et al.*, (2022) analisaram a inserção do agronegócio brasileiro no comércio internacional para verificar o posicionamento geral do país e dos produtos exportados, abrangendo os triênios 2007-2009 e 2017-2019. O desempenho foi avaliado por meio da participação do país e de seus produtos nas importações mundiais, considerando a metodologia proposta por Fajnzylber (1991), que classifica os produtos conforme o posicionamento (favorável ou desfavorável) e a eficiência ao longo do período, e, com isso, tem-se a inserção. Os resultados mostraram que, apesar de perder competitividade, comparando com outros períodos, o agronegócio brasileiro teve um posicionamento positivo, pois parte significativa dos produtos (38,05%) de sua pauta de exportações se encontrou em situação ótima.

Christ e Cunico (2022) analisaram a inserção do agronegócio do Brasil e Argentina no comércio internacional abrangendo os triênios 2008-2010 e 2018-2020. Utilizaram também a metodologia proposta por Fajnzylber (1991). Os resultados demonstraram que o agronegócio brasileiro foi mais competitivo que o argentino, sendo que parte significativa (52,71%) dos produtos da pauta exportadora brasileira foi classificada em situação ótima. No caso da

Argentina, 63,38% de sua pauta exportadora foi classificada no grupo não competitivo, isto é, itens em situação de retrocesso e oportunidade perdida.

Por fim, tem-se o estudo de Quintam e Assunção (2023) que realizaram uma revisão de literatura, analisando publicações relevantes sobre o agronegócio brasileiro. A metodologia adotada consistiu na busca e análise de artigos científicos, relatórios e outras fontes de informação relacionadas ao agronegócio brasileiro no mercado internacional. Foram considerados aspectos como definição e características do agronegócio brasileiro, importância econômica, produtos agrícolas e pecuários exportados, fatores de competitividade, impacto socioambiental, acordos comerciais e tecnologia. Os resultados da pesquisa revelaram que o agronegócio brasileiro possui potencial significativo para atender à crescente demanda global por alimentos, graças às suas extensas áreas de terras agricultáveis e clima favorável. No entanto, enfrenta desafios como barreiras comerciais e sanitárias, preocupações socioambientais e a necessidade de adoção de tecnologia e inovação para manter sua competitividade.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada com base em informes bibliográficos, com o intuito de desenvolver uma compreensão reflexiva sobre o comércio internacional do agronegócio brasileiro. Em virtude que, "A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras" (Marconi e Lakatos, 2003, p. 183).

Primordialmente, realizou-se uma profunda pesquisa qualitativa e documental no sentido de unificar de forma mais objetiva e concisa os fatores, onde a pesquisa literária é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (Gil, 2008). No que diz respeito à forma de abordagem, foi quali-quantitativa, para a realização de uma investigação aperfeiçoada sobre o tema.

Nesse propósito, buscou-se informações procedentes de literatura atualizada nas áreas de comércio internacional do agronegócio, pertinentes em meios científicos: artigos de revistas, dissertações, artigos em meio eletrônico e livros acadêmicos. As coletas de dados da pesquisa foram feitas através das palavras-chave: o comércio internacional do agronegócio. É evidente que existem outras variáveis importantes. Porém, optou-se pela análise do comércio internacional do agronegócio devido a sua importância para a análise da sustentação

macroeconômica do crescimento do país e também porque ela evidencia a importância do setor para cumprimento desta função.

Acredita-se que a revisão literária é imprescindível contribuição para o meio científico, pois revela novas convicções sobre o assunto, visto que a leitura aperfeiçoa os conhecimentos predecessores e induz o pesquisador a acrescentar conclusões assertivas. No que tange a pesquisa qualitativa foi elaborada a partir da revisão bibliográfica e documental, buscando informações atualizadas nas áreas da economia internacional, economia brasileira e evolução do agronegócio, pertinentes em meios científicos: artigos de revistas, dissertações, artigos em meio eletrônico e livros acadêmicos.

No que refere a abordagem quantitativa foi criado um banco de dados com variáveis macroeconômicas relevantes para elaboração de gráficos em um editor de planilhas para realização de análises. O banco de dados foi composto por dados secundários coletados do AGROSTAT - Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA e Estatísticas de Comércio Exterior do Brasil (COMEX STAT).

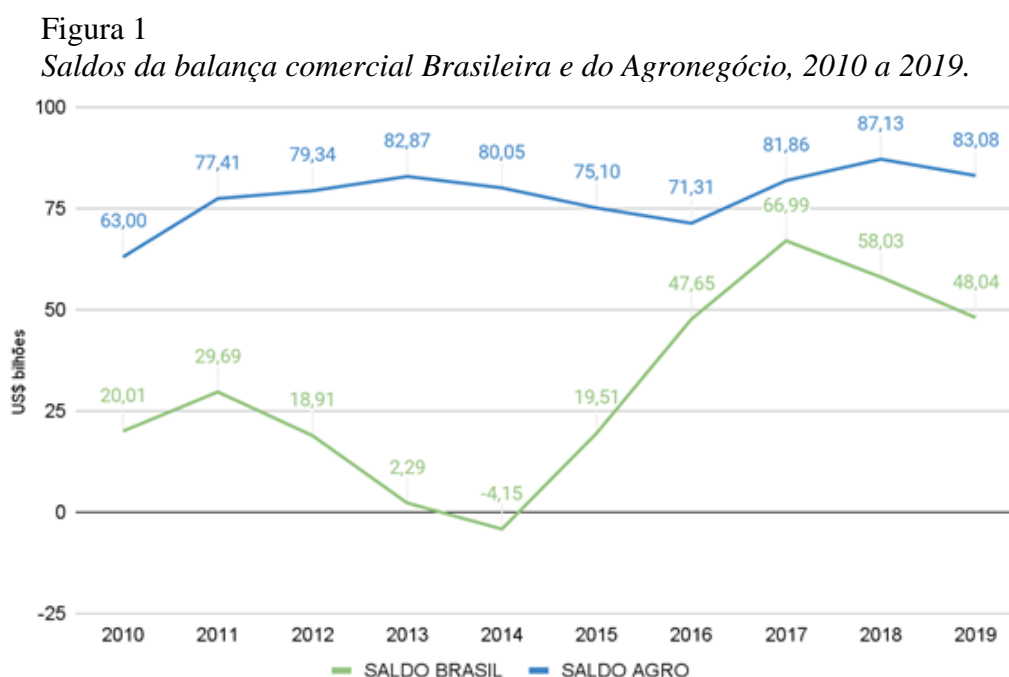
Os produtos que foram considerados são os seis principais produtos da pauta do agronegócio brasileiro na década restringida para análise, por ter um peso maior na participação das exportações totais do setor, sendo eles: complexo de soja (31,35%), carnes (16,68%), produtos florestais (11,43%), complexo sucroalcooleiro (12,12%), café (6,35%), cereais, farinhas e preparações corresponde 5,84% das exportações totais do agronegócio, somando os demais sua participação é de 15,99% entre 2010 a 2020 (MAPA, 2022).

Especificamente, o Brasil é o segundo maior produtor de soja no mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. O grão é muito usado como alimento para animais e sua produção cresce em paralelo ao aumento do consumo global de carne. O café, por exemplo marcou a economia do Brasil colônia e segue importante séculos depois. A cana foi a primeira cultura agrícola extensiva realizada no Brasil e deteve participação fundamental no processo de colonização. O país é o maior produtor de cana-de-açúcar e também um de seus maiores consumidores. Por isso, a importância de tal análise.

Embora a maior parte das informações estejam disponibilizadas em *sites* de órgãos oficiais, alguns dados ainda estão incompletos (sem detalhamento) ou ausentes para uma análise de série de tempo mais longa devido a falta de informações em alguns períodos, o que impossibilita fazer uma análise comparativa com mais produtos específicos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Figura 1, tem-se o saldo acumulado da balança comercial e do agronegócio brasileiro de 2010 a 2019, em bilhões de dólares (valores correntes). É irrefutável que o saldo da balança comercial impacta diretamente no cálculo do PIB do país ou setor. Na Figura 1, observa-se que o agronegócio desde 2010 vem obtendo contínuos *superavits*, diferentemente do saldo do Brasil que obteve um *déficit* em 2014 de US \$4,15 bilhões, o que corresponde a um aumento significativo de importações de produtos externos.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da SECEX/ME (2022).

A balança comercial brasileira obteve um crescimento relevante entre 2015 e 2017, apesar do Brasil estar vivenciando uma recessão econômica, contudo, em 2018 e 2019 obteve uma queda expressiva no saldo total. O agronegócio brasileiro contribuiu de maneira significativa para o comércio do país, pois apresentou saldos positivos frequentes, possibilitando manter o saldo da balança nacional. Com relação ao saldo da balança comercial do agronegócio, em 2019 o superávit foi de US\$83,0 bilhões e o segundo maior da história do país, atrás apenas de 2018 (US\$87,2 bilhões). As exportações brasileiras do agronegócio bateu recorde em 2019, especialmente quando o assunto foram as carnes.

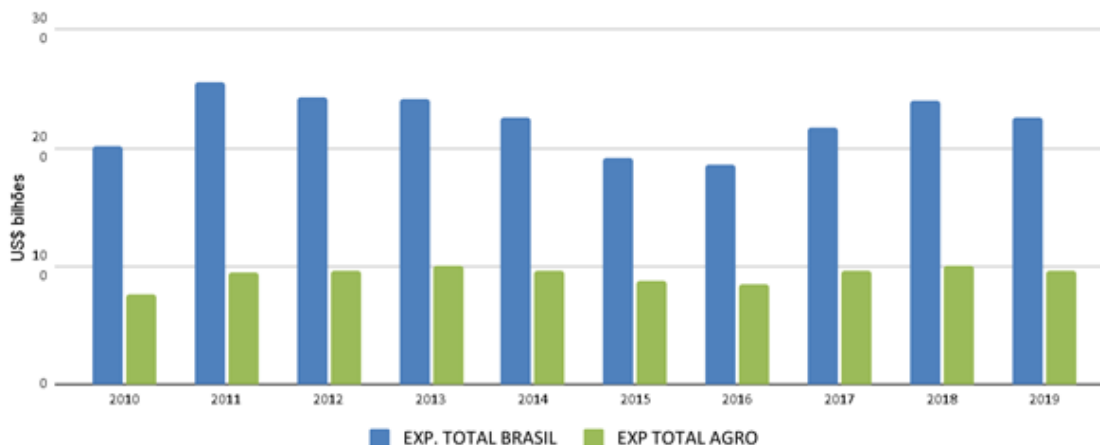
De acordo com a Rodrigues *et al.*, (2015), o saldo da balança comercial do agronegócio elevou-se de US\$ 10,8 bilhões, em 1989, para cerca de R\$ 80 bilhões, em 2014, ano em que o setor movimentou 25% do fluxo comercial brasileiro (exportações e importações). Já nessas

situações de queda do saldo, o país dependerá das divisas geradas pela agricultura para honrar os compromissos externos. Contudo, é perceptível que a desenvoltura econômica e produtiva apesar do desequilíbrio entre a agricultura de larga escala, alta eficiência produtiva e a agricultura familiar, são desafios que precisam ser defasados para aprimorar o papel social e econômico (Bacha, 2012; Buainain *et al.*, 2014).

Em relação a contribuição das exportações do agronegócio para a exportação total do Brasil, tem-se que na Figura 2 exibe a participação dos principais grupos de produtos na pauta de exportações do agronegócio, para o período de 2010 a 2019. Um aumento das exportações brasileiras revela uma aceitação dos produtos nacionais no comércio exterior, isso corresponde a um aumento de competitividade dos produtos exportados.

Figura 2

Contribuição das exportações do agronegócio para exportação total do Brasil no período 2010–2019, em valores nominais.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da SECEX/ME (2022).

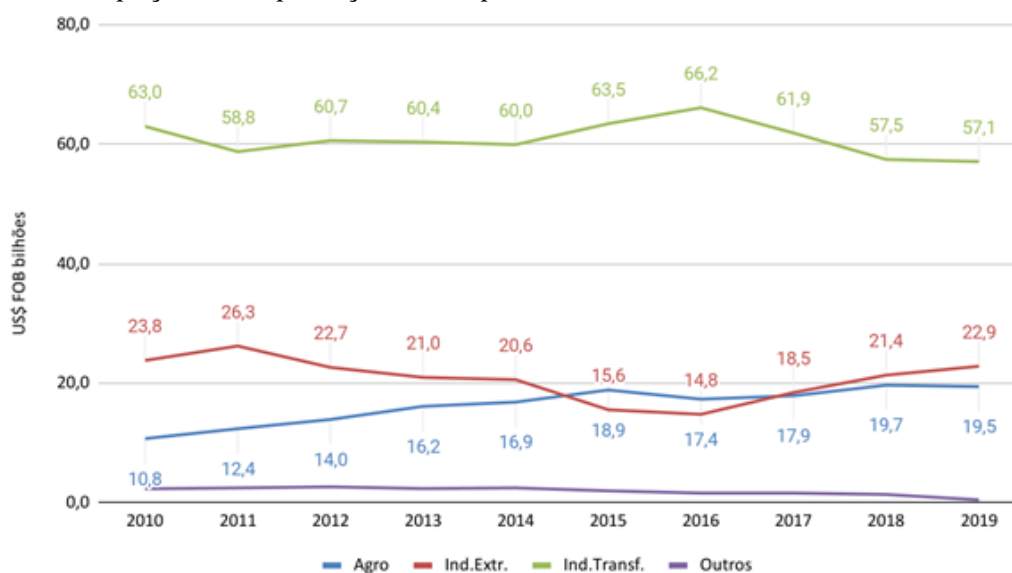
No que tange aos produtores, esse aumento das exportações, gera uma maior atratividade nas suas negociações, possibilitando um aumento da sua produção futura, que possibilitará uma demanda de mão de obra, beneficiando a economia nacional e local. Observa-se que desde 2013 até 2019 a participação do agronegócio foi maior que 40% das exportações totais, o maior percentual foi de 46,2% em 2015, 2016 (45,9%) e 2017 (44,1%). Há variações ao longo do período considerado, porém a participação do setor Agro se mantém 7 anos acima de 40%.

Na Figura 3, observa-se que a indústria de transformação foi responsável pela maior participação por setor no total das exportações, entretanto, no período analisado, o mesmo está em declínio desde 2016, ou seja, quando obteve sua maior participação de 66,2%.

Considera-se que a indústria extrativista é responsável pela segunda participação nas

exportações, sendo ultrapassada pelo setor Agro nos anos de 2015 e 2016. Ressalta-se que ambas as indústrias também são responsáveis pela aprimoração dos produtos primários, já que é na indústria que se transforma matéria-prima em um produto final ou intermediário.

Figura 3
Participação da Exportação anual por setor no total Brasil, de 2010 a 2019.



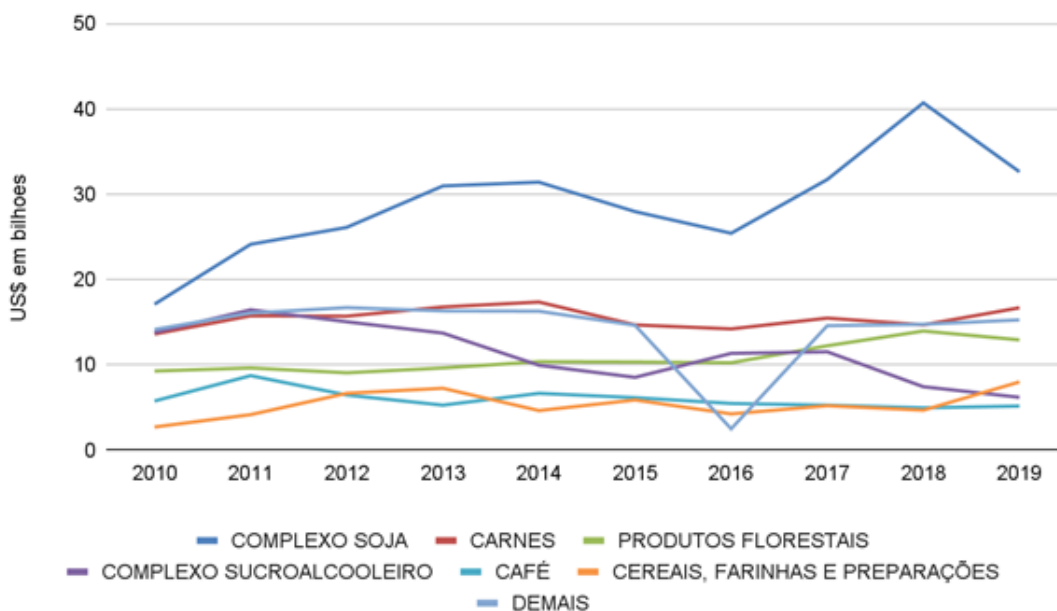
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da AGROSTAT (2022).

Observar o peso da indústria de transformação na participação total das atividades econômicas é instigante, pois o setor do agronegócio exporta as *commodities* considerando produtos de baixo valor agregado, porém há transformações consideráveis dos produtos nestas indústrias, que muitas vezes não é apontando. O IBGE, por exemplo, classifica as indústrias de transformação com sua atuação em três grandes grupos: bens de capital, bens intermediários e bens de consumo. Além de desempenhar um papel estratégico no fortalecimento de todo o setor produtivo brasileiro, especialmente com seus investimentos em tecnologia e inovação.

A Figura 4 exhibe a participação dos principais grupos de produtos na pauta de exportações do agronegócio brasileiro, para o período de 2010 a 2019. O principal produto exportado do agronegócio apesar de uma queda significativa entre 2018 e 2019 foi o complexo soja (grão, farelo e óleo), enquanto que, os demais produtos estão longe de acompanhar o desempenho do mesmo.

Conseqüentemente, o mercado das carnes é o segundo produto mais exportado da pauta do Agro, seguido por produtos florestais, complexo sucroalcooleiro, café e sereias, farinhas e preparações. Quando comparado com os principais produtos da pauta Brasil no ano de 2019, a soja se mantém em primeiro, seguido por petróleo e minério de ferro.

Figura 4
Evolução das exportações de produtos selecionados, em bilhões de US\$, (de 2010 a 2019 – em valores nominais).

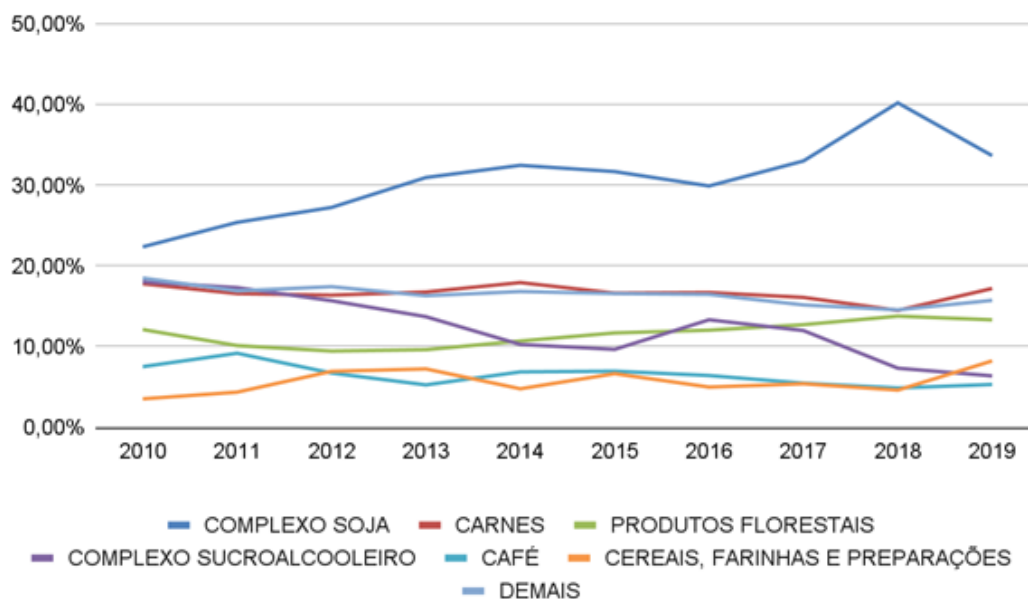


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da AGROSTAT (2022).

Na Figura 5, diz respeito à participação dos produtos no total das exportações do agronegócio. Novamente, o complexo de soja manteve sua participação acima de 30% das exportações, sendo que em 2010, correspondia aproximadamente a 22,39%.

Figura 5
Evolução da participação de produtos selecionados sobre o total das exportações do

agronegócio brasileiro, de 2010 a 2019.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da AGROSTAT (2022).

Como pode ser observada ainda na Figura 5, sua maior participação foi em 2018 de 40,23% e finda o período selecionado com aproximadamente 33,68% no total das exportações do agronegócio brasileiro. Carnes e os demais produtos seguem uma participação sem muita variação, sendo que em 2010, os demais produtos correspondiam a 18,05% e carnes (17,81%). No último ano do período suas participações eram de aproximadamente 15,76% e 17,23% respectivamente.

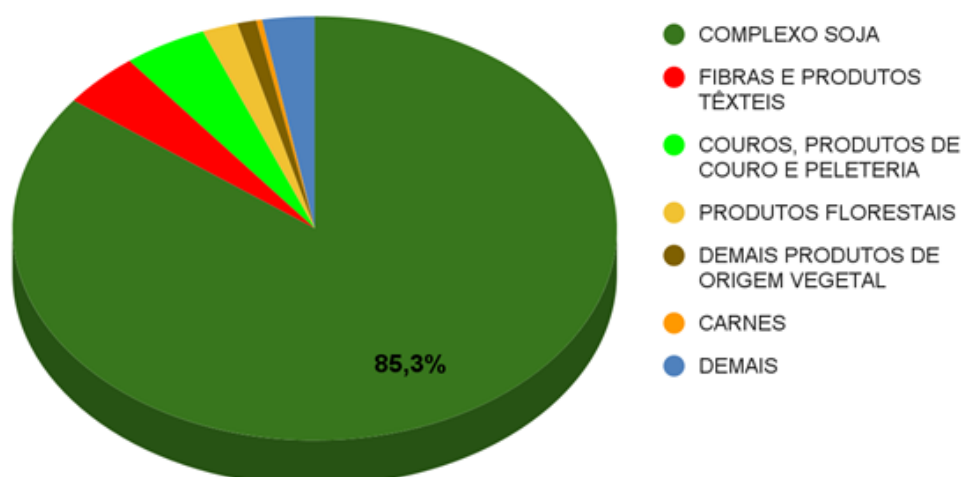
Nota-se que, enquanto o complexo de soja cresceu observando os extremos do período considerado na Figura 5, os demais produtos se mantiveram com variações pequenas e outros obteve queda, o que foi o caso do complexo sucroalcooleiro e do café. O complexo sucroalcooleiro saiu de 12,12% em 2010 para 6,40% em 2019 e o café de 7,54% para 5,34%, respectivamente.

No acumulado entre os anos de 2010 até 2019, o complexo de soja obteve 85,3% da participação no total das exportações do agronegócio brasileiro, seguido por couros, produtos de couro e peleteira (4,47%), fibras e produtos têxteis que correspondeu a 4,19%, produtos florestais (1,91%), demais produtos de origem vegetal (1,02%), carnes contribuiu (0,31%) e o somatório dos demais produtos corresponde cerca de 2,8% no total das exportações na década analisada (Figura 6).

Figura 6

Acumulado das participações dos principais produtos selecionados no total das

exportações do agronegócio, de 2010 a 2019 (%).



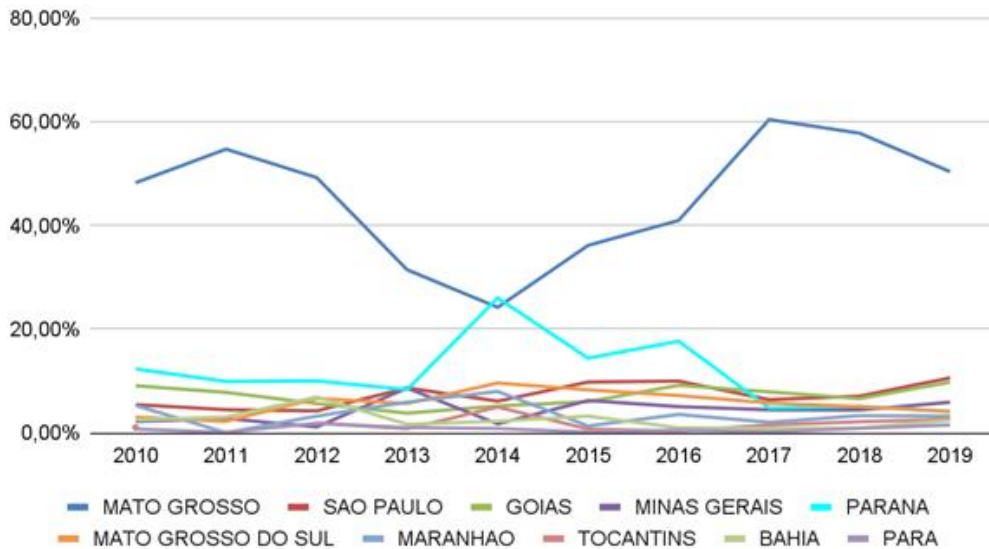
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da AGROSTAT (2022).

Sendo assim, é perceptível que o mercado de soja está cada vez mais atraente para os produtores devido a sua alta aceitabilidade no mercado internacional, levando a um aumento nos preços. Entretanto, a diversificação da pauta exportadora é essencial para o aprimoramento do país, manter a pauta brasileira focada na produção de um único produto, torna-se limitada, já que o país tem capacidade de ter uma grande diversificação. No contexto brasileiro, as *commodities* agrícolas e minerais possuem uma participação relevante na pauta exportadora, entretanto, o que se observa é que os produtos básicos ganharam participação cada vez mais na pauta de exportação do país.

Em relação às exportações do agronegócio brasileiro por estado, tem-se que o Mato Grosso foi o principal estado brasileiro que exporta produtos do agronegócio, ou seja, sua exportação correspondeu a 50,42% das exportações totais do setor em 2019. O Paraná teve algumas oscilações consideráveis durante a década estudada, em 2014 obteve 26,04%, ultrapassando o Mato Grosso (24,23%), porém logo depois obteve uma queda, ficando abaixo do patamar de 2010 (12,35%) e em 2019 apenas com uma participação de 4,15% das exportações do agronegócio (Figura 7).

Figura 7

Evolução das exportações do agronegócio brasileiro por estado entre 2010 a 2019.



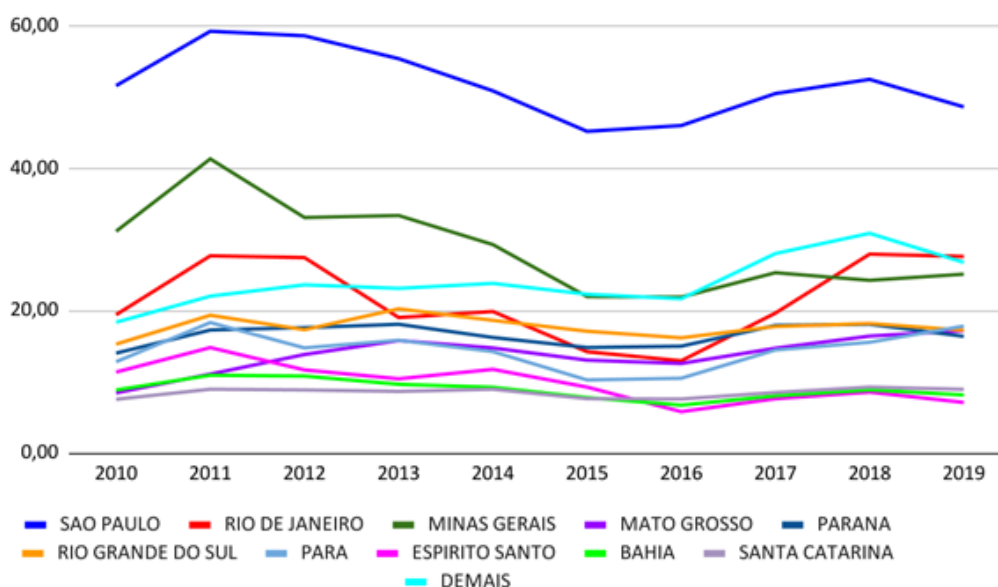
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da AGROSTAT (2022).

Analisando a Bahia, sua participação nas exportações do agronegócio não houve alterações significativas. Em 2010 teve uma participação aproximadamente de 2,50%, sendo que a maior participação foi de 6,92% em 2012 e no ano de 2019 obteve 2,46%.

Analisando a evolução das exportações totais do Brasil por estados, tem-se que São Paulo sempre esteve como o principal exportador, devido a uma concentração de indústria de transformação na região. A infraestrutura de locomoção para saídas dos produtos é outro diferencial do estado.

No ano de 2010 as exportações totais de São Paulo corresponderam aproximadamente a US\$ 51,63 bilhões, e Minas Gerais (US\$ 31,17 bilhões). Minas Gerais e o Rio de Janeiro ao longo dos anos obteve uma queda considerável na sua participação. Os demais estados obtiveram variações pequenas na sua participação nas exportações nacionais (Figura 8).

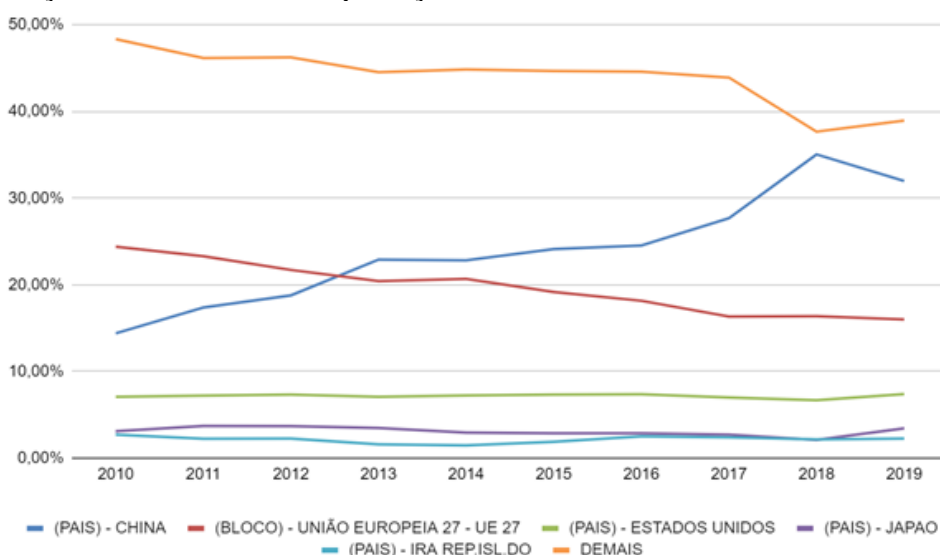
Figura 8
Evolução das exportações do Brasil por estado entre 2010 e 2019.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da COMEX (2022).

Na Figura 9, observa-se que a China e o Bloco da União Europeia, que corresponde a 27 Estados do continente europeu, são os principais destinos das exportações do agronegócio. No final de 2019, 31,97% das exportações do agronegócio foram para a China, seguido de 15,99% para a União Europeia, em terceiro ficam os Estados Unidos (7,40%), como exhibe na figura 9, a evolução da participação no total das exportações.

Figura 9
Evolução dos destinos das exportações do Brasil entre 2010 e 2019.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da AGROSTAT (2022).

O somatório dos demais destinos da exportação correspondeu a uma participação aproximadamente de 38,94% das exportações no ano de 2019, comparado com o início da

análise (2010) houve uma queda de 9,39% pontos percentuais, que foi compensado pelo aumento contínuo da China até 2018. De acordo com Rodrigues, *et al.*, (2015) alguns fatores que justificam esse aumento das exportações da china foi a urbanização acelerada da China, a elevação da renda, as mudanças nos hábitos alimentares e a insuficiente produção doméstica de certos itens de demanda crescente levaram o país a assumir compromissos na OMC que ampliaram o acesso a seu mercado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o período de 2010, o agronegócio brasileiro veio ganhando participação no mercado internacional de alimentos, graças ao aumento contínuo do volume exportado, e também nas exportações totais brasileiras, das quais já representa 40%. No acumulado dos dez anos selecionados, o setor agroexportador alcançou faturamento de US\$ 83,08 bilhões na balança comercial.

Dos produtos selecionados, observou-se o desempenho do complexo da soja no acumulado, que foi o maior produto exportado entre 2010 e 2019, com 85,3% das exportações do agronegócio. A pesquisa de novos produtos, foi um obstáculo do setor, apesar dos avanços recentes é imprescindível uma diferenciação na pauta exportadora do agronegócio no Brasil. A China continua sendo o principal destino das exportações do agronegócio, um fortalecimento das relações comerciais com o país é primordial para uma maior comercialização e esmiuçar novos destinos fortalece a competitividade dos produtos.

Diante disso, é indispensável políticas públicas que elevem a competitividade do agronegócio, visto que há constantes tentativas de uma industrialização forçada, sem considerar que o setor obteve nos últimos anos poucos impulsos, e mesmo assim consegue desempenhar um papel relevante na economia nacional. Há algumas maneiras do Estado reverter alguns impactos, no âmbito da infraestrutura nacional (portos, estradas, entre outros fatores que concorram para o avanço do armazenamento e dos transportes dos produtos) e a geração de novas tecnologias que visem elevar a produtividade e que contribuam para a agregação de valor nos bens deste setor, colaborando para uma maior inserção sua no cenário internacional.

Não se pode evitar um agronegócio com boas práticas socioambientais dentro dos princípios da Organização das Nações Unidas (ONU). A possibilidade de utilização de energias renováveis é uma possibilidade factível para o setor, possibilitando uma aceitação internacional maior, um amadurecimento da política comercial brasileira ideando acordos comerciais que

garantam maior inserção dos produtos brasileiros no mercado mundial.

Várias outras ações são necessárias para manter os resultados satisfatórios como, por exemplo, assegurar a estabilidade macroeconômica do país e definir uma estratégia de médio e longo prazo para o crescimento sustentável do setor. Entre outros aspectos, os elementos dessa estratégia devem incluir medidas que contribuam para expandir as atividades de P&D e inovação agropecuária, garantir a renda dos produtores e reduzir drasticamente os estrangulamentos impostos pela deficiente infraestrutura de escoamento da produção.

Em síntese, existe uma grande expectativa em relação à continuidade do importante papel que as exportações brasileiras vêm desempenhando em nível da economia nacional e nos mercados globais. A resposta a essa oportunidade e responsabilidade depende em grande medida do esforço conjunto do governo, produtores rurais nacionais, iniciativa privada doméstica e sociedade civil.

O crescimento do agronegócio brasileiro continuará, em termos de volume, a depender principalmente da demanda interna. Entretanto, taxas mais elevada de crescimento serão determinadas pela capacidade das vendas externas. Espera-se, portanto, que as exportações continuem a ser o “motor” do agronegócio nos próximos anos.

Para futuros estudos, espera-se poder utilizar metodologias mais específicas como a utilização de alguns índices e/ou indicadores que possam gerar resultados mais aprofundados sobre o agronegócio brasileiro, podendo dessa forma verificar o posicionamento do Brasil frente ao comércio internacional.

REFERÊNCIAS

- Agrostat - Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) (2020). Disponível em: <http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>. Acesso em: 24 maio 2020.
- Bacha, C.J.C. (2012). Economia e política agrícola no Brasil. 2 ed. São Paulo, Atlas, 226 p.
- Buainain, A.M.; Alves, E.; Silveira, J.M. Navarro, Z. (2014). O mundo rural no Brasil do século 21. A formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília, Embrapa/Instituto de Economia da Unicamp. 1182 p.
- Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. CEPEA-Esalq/USP. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br>. Acesso em: set, 2020.
- Christ, G. D., de Oliveira Bernal, A., Galafassi, L. B. Coronel, D. A. (2022). O agronegócio brasileiro no comércio internacional: vulnerabilidade, retrocesso, oportunidade perdida ou situação ótima?. *Informe Gepec*, 26(2), 190-209.

- Christ, G. D. Cunico, E. (2022). A competitividade agrícola argentina e brasileira no comércio internacional: uma análise entre 2008-2010 e 2018-2020. *XLVI Encontro da ANPAD-EnANPAD. Anais*.
- Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil - CNA (2020). Disponível em: https://www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/boletins/sut.pib_dez_2020.9mar2021.pdf. Acesso em: 23 maio 2020.
- Contini, E. et al. (2012). Exportações Motor do agronegócio brasileiro. *Revista de Política Agrícola*, v. 21, n. 2, p. 88-102..
- Comex. (2022). Entenda mais sobre o acordo entre Mercosul e UE. Disponível em: < <https://www.fazcomex.com.br/comex/acordo-mercossul-e-ue/> >. Acesso em: 02, dez. 2022.
- Dos Santos, L. P. et al. (2016). Agronegócio brasileiro no comércio internacional. *Revista de Ciências Agrárias*, v. 39, n. 1, p. 54-69.
- Gil, R. B. (2008). Metodologia científica. Paraná: Juruá.
- Huguene, C. (2017). O Agronegócio brasileiro: China e comércio internacional. FGV Projetos.
- Jank, M. S; Nassar, A. M; Tachinardi, M. H. (2005). Agronegócio e comércio exterior brasileiro. *Revista USP*, n. 64, p. 14-27.
- Krugman, P, R. et al. (2015). *Economia Internacional: Teoria e Política*. Bookman Editora.
- Lourenço, J. C; De Lima, C. E. B. (2009). Evolução do agronegócio brasileiro, desafios e perspectivas. *Observatorio de la Economía Latinoamericana*, n. 118, 2009.
- Luís, V. R. (2021). IX Sintagro o Comércio Internacional do Agronegócio. Disponível em: <http://revista.fatecbt.edu.br/index.php/tl/article/download/528/320>. Acesso em: 01 junho 2021.
- Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- Margarido, M. A. *et al.* (2022). O agronegócio nos investimentos diretos brasileiros. 2009. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/trabalhos.php?codAutor=789&busca=1>>. Acesso em 02 dez. 2022.
- Mapa - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. (2017). Disponível em:< <http://www.agricultura.gov.br/portal/PORTAL>>. Acesso em 02 abr. 2022.
- Mapa - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. (2020). Disponível em:< <http://www.agricultura.gov.br/portal/PORTAL>>. Acesso em 02 abr. 2022.

Mapa - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. (2022). Disponível em:<
[http://www.agricultura.gov.br/portal/ PORTAL](http://www.agricultura.gov.br/portal/PORTAL)>. Acesso em 02 abr. 2022.

Quintam, C. P. R. Assunção, G. M. (2023). Perspectivas e desafios do agronegócio brasileiro frente ao mercado internacional. RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218, 4(7), e473641-e473641.

Rodrigues, R. et al. (2020). Comércio internacional e o agronegócio brasileiro. 2015. Disponível em:
https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/17858/Com%C3%A9rcio_Internacional_e_o_Agroneg%C3%B3cio_Brasileiro_Relat%C3%B3rio_Completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 31 de maio 2020.

Siscomex - Sistemas de Comércio Exterior. (2020). Disponível em:
<http://siscomex.gov.br/acordos-comerciais/>. Acesso em: 23 de maio 2020.

Sossa, C. O. Duarte, L. B. (2019). Análise da Competitividade Internacional do Agronegócio Brasileiro no período de 2003 a 2013. *Desenvolvimento em Questão*, 17(49), 59-78.

The evolution of brazilian agribusiness and its insertion into the international market

ABSTRACT

Agribusiness has been performing well, with a positive impact on the national economy. These developments are due to the increase in international trade and the expansion of Brazilian exports. Observing these changes over the years, the objective of this study is to address and analyze the path that Brazilian agribusiness has taken over the period 2010-2019 regarding its insertion in international trade, assessing the balance of trade of national agribusiness. Thus, the aim is to present reflections based on in-depth qualitative and quantitative research, in order to carry out an improved investigation on the subject. Among the main results, the performance of the soybean complex in the accumulated was observed, which was the largest exported product between 2010 and 2019, with 85.3% of agribusiness exports. Consequently, the meat market was the second most exported product in the Agro agenda. With these findings, public policies that increase the competitiveness of agribusiness are essential, and especially, agribusiness with good socio-environmental practices within the principles of the United Nations (UN).

Key words: International Economy; Agribusiness; Trade balance.

La evolución del agronegocio brasileño y su inserción en el mercado internacional

RESUMEN

El sector agroindustrial ha tenido un buen desempeño, impactando positivamente la economía nacional. Estos acontecimientos se deben al aumento del comercio internacional y a la expansión de las exportaciones brasileñas. Observando estos cambios a lo largo de los años, el objetivo del trabajo es abordar y analizar la trayectoria que el agronegocio brasileño desarrolló durante el período 2010-2019 en cuanto a su inserción en el comercio internacional, verificando el equilibrio de la balanza comercial del agronegocio nacional. Por ello, se propone presentar reflexiones basadas en investigaciones cualitativas y cuantitativas en profundidad, con el fin de realizar una mejor investigación sobre el tema. Entre los principales resultados se observó el desempeño del complejo soja en el acumulado, que fue el mayor producto exportado entre 2010 y 2019, con el 85,3% de las exportaciones

del agronegocio. En consecuencia, el mercado de la carne fue el segundo producto más exportado en la agenda del Agro. Con estos hallazgos, son fundamentales políticas públicas que incrementen la competitividad de los agronegocios, y especialmente, los agronegocios con buenas prácticas socioambientales dentro de los principios de la Organización de las Naciones Unidas (ONU).

Palabras clave: Economía Internacional; Agronegocios; Balanza comercial.